

A LEITURA ENQUANTO UM INSTRUMENTO NA AQUISIÇÃO DO SABER: um esboço bibliográfico e vivenciado numa escola estadual de Juara-MT.

Andreia Menegon de Arruda¹
Elias do Nascimento Silva²
Shirlen Regina Lopes³
Silvana Reifur Schomobay⁴

Resumo: Este trabalho é uma pesquisa sobre a prática de leitura subjacente à sala de aula. Há também algumas metodologias de incentivo à leitura, sugeridas por teóricos, e que contribuem para que os leitores realizem uma leitura dialógica, e assim foi possível oferecer para estes leitores, a consciência da importância da interação entre pontos de vistas e conhecimentos ao realizarem uma leitura de construção de significados, desvencilhando desta forma, a visão unilateral de simples decodificação das palavras, que tem sido dada a esta atividade. Este trabalho tem a intenção de desmistificar a visão unilateral da leitura de simples decodificação das palavras, lembrando que desde o início da alfabetização o leitor deve ser estimulado a compreender as pistas linguísticas e enciclopédicas existentes em um texto e, com base no material teórico estudado, oferecer aos leitores e profissionais interessados, a possibilidade de realizar uma leitura dialógica entre texto/leitor, por meio de metodologias que os ajudem no desenvolvimento desta atividade motivando-os a identificar não só a intenção do autor ao escrever um texto, mas, também, os diversos sentidos que podem ser atribuídos a este.

Palavras- Chaves: Leitura-dialógica; Interação; Construção de sentido.

¹ Professora, formada em Letras pela UNEMAT, Especialista pela Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT. Email: andreiamenegon@hotmail.com

² Pedagogo pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Secretário na Escola Municipal de Educação Infantil Maria Malfacini Riva. Especialista em Gestão Escolar pela Universidade da Cidade de São Paulo-UNICID. Email: ninffeto@hotmail.com

³ Pedagoga pelo Centro Universitário da Grande Dourados- UNIGRAN, Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Barão de Mauá. Coordenadora pedagógica do Projeto Mais Educação na Escola Estadual Iara Maria Minotto Gomes. Email: shirlen.lopes@hotmail.com

⁴ Acadêmica do 6º semestre do Curso de Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional Uninter. Técnica Administrativa Educacional na Escola Estadual Iara Maria Minotto Gomes. Email: silvanareifur@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A escolha deste estudo se deu em razão da experiência tida durante o período de estágio, em que foi possível observar a dificuldade dos alunos em desenvolver uma leitura compreensiva, assim como também a dificuldade dos professores em encontrar meios que contribuíssem para uma leitura prazerosa e produtiva, pois, ao realizarem suas leituras, os alunos apenas decodificavam o texto, sem alcançar a intenção do autor e menos ainda os outros ângulos que aquelas leituras pudessem oferecer.

Para a realização deste trabalho, foram feitas algumas observações nas aulas de leitura da turma do 4º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual, na cidade de Juara, MT, no mês de maio de 2012, a fim de conhecer as metodologias utilizadas para esta atividade dentro da sala de aula, posteriormente foi feita uma breve comparação da prática de leitura subjacente à sala de aula, em relação às propostas trazidas pelos teóricos selecionados.

Assim, esta pesquisa está dividida em dois capítulos. O primeiro traz uma reflexão sobre a leitura do ponto de vista teórico, e, no segundo capítulo, há algumas metodologias de prática de leitura utilizadas pelo professor da sala de aula acima citada.

Espera-se que este trabalho seja útil para os interessados no processo da leitura no contexto escolar.

2-LEITURA: REFLEXÃO TEÓRICA

2.1 A leitura é para todos

Aprender a ler não é só uma das maiores experiências da vida escolar, é sim também uma vivência inigualável a qualquer ser humano. Se fizermos um estudo sobre a leitura, veremos que as possibilidades desta atividade sempre estiveram restritas a um grupo muito pequeno de pessoas. Imaginar um mundo onde as pessoas não

possam ler, seja qual for o motivo, é uma situação profundamente opressiva, viver sem ler é, sem dúvida, uma forma de confinamento. A leitura deve ser compreendida como um gesto de libertação, a forma mais gostosa de fazer perguntas, o caminho mais seguro para se aprender e de se recusar a superfície das coisas, entendendo que em tudo que nos rodeia há sempre muito mais, a saber, enfim, em grande medida, somos o que lemos. Desta forma, devemos ler muito, em qualquer lugar, a qualquer hora e até mesmo “fora de hora”. Mas se nos primórdios dos tempos a leitura não era tão permissível, podemos dizer que o acesso à leitura está facilitado, hoje todos podem adquirir conhecimento mediante a leitura, as mudanças tecnológicas e sociais contribuem para a difusão desta atividade.

Contudo, ler ainda é um problema para muitas pessoas, pois ao se confrontar com um texto, o leitor iniciante dificilmente vence a barreira da escrita literal, ou seja, não tem bagagem suficiente para alcançar qualquer ideologia que possa trazer o texto, não consegue estabelecer alguma inferência ou previsão relativas à visão do autor ao escrever determinado texto, e para tentarmos entender um pouco sobre esta atividade complexa, que é a leitura, faremos uma pequena reflexão, dada a amplitude do tema, sob a visão teórica de alguns autores empenhados nesta causa, assim como também faremos uso de alguns materiais pedagógicos que buscam contribuir no trabalho do professor.

2.2 Uma concepção teórica

Como diretriz do trabalho, foi adotada uma definição mais elaborada sobre a leitura dada por Ângela Kleiman em seu livro *Oficina de Leitura- teoria e prática-*:

Quanto à concepção de leitura [...], consideramos esta prática social que remete a outros textos e outras leituras. Em outras palavras, ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados. (2002, p.10).

Neste sentido, a prática da leitura implica em envolver, no contexto do texto, todo conhecimento adquirido, desde que seja pertinente para desvencilhar os pontos confusos de uma leitura.

2.3 Os caminhos a percorrer dentro de um texto

Adotada a concepção teórica sobre a leitura, iniciaremos nossa explanação com os PCNLP (Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa) -2001, e entre várias propostas didáticas, esse material traz algumas sugestões referentes à leitura que auxiliam para que esta atividade seja realizada de forma dialógica entre leitor e texto. Tais propostas indicam práticas como:

- * Leitura diária que pode ser realizada para busca de significados ou ainda uma leitura de modo geral por simples prazer de forma silenciosa ou em voz alta, se for pertinente para atividade.
- * Leitura colaborativa que enfatiza o trabalho de estratégias didáticas como inferências sobre a intencionalidade do autor, questionamentos por parte dos professores que ajudam os leitores justificar através de pistas lingüísticas, os diversos sentidos que podem ser atribuídos a um texto.
- * Projetos de Leitura que oferecem possibilidades para que leitura e produção de texto interajam, criando situações que se contextualizam a leitura silenciosa, leitura em voz alta onde podem ser analisadas algumas convenções como entonação, pausas dicção, estas ocasiões são excelentes, pois podem trabalhar estes aspectos sem inibir o leitor iniciante.
- * Atividades seqüenciadas de leituras, proposta esta que o professor pode focar suas aulas de leitura em determinado tema, autor ou gênero.
- * Atividades permanentes de leituras que visam um trabalho no qual o professor escolhe um dia, que poderá ser semanalmente ou quinzenalmente, para aulas de leitura e que os alunos são estimulados pelo professor a contar o que ele leu ou ainda pode haver entre os colegas de sala uma espécie de rodízio com as obras ou textos lidos, processo que favorece a interação mútua dos alunos.

Outra sugestão apresentada pelos PCNLPs é a leitura feita pelos professores, essencial para ajudar o aluno em uma leitura mais complexa, além de incentivá-los, pois o professor, neste momento, serve como um bom exemplo para seus alunos.

Percebemos que todas as propostas são direcionadas a leitores que já iniciaram a alfabetização, logo, é importante salientar que embora um dos intuitos deste trabalho seja atenuar ou mesmo desvincular a idéia de que a leitura é apenas o reconhecimento das letras, ressaltamos que, no primeiro momento, certamente faz se necessária a

decodificação das palavras para os leitores iniciantes, visto que, sem a decifração dos signos, torna-se impossível a realização de qualquer leitura, por mais superficial que esta seja. Contudo, acreditamos que após o domínio na decodificação das palavras, é importante que haja percepção para interpretar as diversas leituras que um texto proporciona a um leitor competente, reconhecendo sempre, obviamente as estratégias lingüísticas e enciclopédicas usadas pelo autor ao escrever um texto, para tentar manipular o leitor.

Mas atentar-se às pistas lingüísticas presentes no texto nem sempre é uma tarefa fácil, especialmente para um leitor iniciante. Desta forma, temos a colocação de Ângela Kleiman, que nos vislumbra uma possibilidade de estimular a atenção desses leitores para uma leitura compreensiva:

[...] É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento como o lingüístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. [...] Pode-se dizer com segurança que sem engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. (KLEIMAN, 2002 p.13)

Assim sendo, a leitura compreensiva forma-se a partir da junção dos conhecimentos citados acima como o de mundo, adquirido em nossas vivências empíricas, o lingüístico e o textual, alcançados ao longo de nossa vida escolar, estes conhecimentos é que compõem o conhecimento prévio que é muito importante dentro da atividade da leitura. E seguindo ainda dentro da visão de Ângela Kleiman, podemos dizer que:

[...] a ativação do conhecimento prévio é, então, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer inferências necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto num todo coerente. (KLEIMAN, 2002 p.25)

Desta forma, entende-se que por meio do acionamento do conhecimento prévio o leitor exterioriza a sua familiaridade com o tema do texto lido e é a partir dessa proximidade que vem a capacidade de estabelecer relações entre o texto e o contexto histórico e sócio-ideológico em que este (texto) está inserido. Nota-se que a autora ao falar deste ponto muito importante, que é a *ativação* do conhecimento prévio, não podemos nos esquecer de que, na maioria das vezes, o leitor iniciante não é hábil o suficiente para ativar sozinho todo o seu conhecimento ou, mesmo ainda, tal

conhecimento não faz parte de seu repertório e, nesse momento, é preciso à presença de um intermediário que faça uma ponte entre o texto e o leitor.

Sem dúvida, esse intermediário deve ser o professor que fará de seu aluno o centro do processo. Nessa vertente, temos ainda a colocação de Ângela Kleiman que nos diz: “[...] O papel do professor nesse contexto é criar oportunidades que permitam o desenvolvimento desse processo cognitivo, sendo que essas oportunidades poderão ser melhores criadas na medida em que o processo seja melhor conhecido [...]”.(KLEIMAN, 2002 p.07).Então, a participação do professor está, em saber criar oportunidade de interação entre os textos lidos e entre os próprios leitores; pois é no momento de interação de idéias que alguns pontos obscuros são esclarecidos e é também nesse momento que o horizonte de expectativas dos leitores vão se ampliando.

Logo, é necessário que o professor, leitor experiente, busque novas dinâmicas e materiais de apoio com textos de diversos temas e tipologias, para se trabalhar a leitura, não priorizando apenas os textos e atividades trazidos pelos livros didáticos, pois, nesse sentido, temos o que Ezequiel T. da Silva diz em seu livro *Elementos da Pedagogia da Leitura*:

Devido ao tratamento que recebem em grande parte dos livros didáticos, *compreensão e interpretação* transformam-se em conceitos sem pé nem cabeça. [...], interpretação passa a significar o conjunto de respostas do leitor a um questionário colocado no livro e compreensão, a reprodução exata de um significado pré-fixado para o texto.
(SILVA,2003, p.65)

Assim sendo, o professor deve ser reflexivo quanto ao seu instrumento de trabalho; essa postura deve ser a de todos os professores, iniciando desde a alfabetização. Refletir aqui é analisar se determinado material é mesmo suficiente para corresponder com as propostas de ensino que o professor visa, é compreender que mudanças quase sempre são necessárias e que não significam fracasso, ao contrário, reconhecer que alguma metodologia não funcionou é ter equilíbrio profissional e, no caso da leitura, a seleção de variedades de texto é indispensável para o desenvolvimento cognitivo do leitor, lembrando sempre que a aprendizagem da leitura ocorre de forma gradativa e, embora os materiais utilizados devam estar à altura do repertório de seus leitores, é importante que haja também outros de leitura mais

complexa que, mediados pelo professor, tornam o diálogo possível entre texto e leitor. Esta é uma forma do professor valorizar sem mediocrizar a capacidade de aprendizagem da criança ou do leitor iniciante; esta busca deve ser incessante, pois a escolha do material é muito válida para o estímulo à leitura, especialmente no caso das crianças que são a maioria dos leitores iniciantes, é o que nos confirma Richard Bamberger no seu livro *Como Incentivar o Hábito da Leitura*: “Os bons livros infantis, por conseguinte, são o fundamento do ensino de leitura. O interesse pelo o enredo e pelo destino dos personagens leva a criança a terminar o livro num curto prazo de tempo”. (BAMBERGER, 2002, p.28)

E sendo o professor o intermediário entre o texto e o leitor, cabe a ele dar as diretrizes do processo aos seus alunos, aplicando estratégias que ajudam a incentivá-los à leitura e entre algumas estratégias o professor pode iniciar provocando seus alunos a questionar o texto, ativando assim, o conhecimento prévio de cada um deles, ajudando-os a fazer previsões e inferências através das marcas linguísticas e lexicais, como o título, subtítulo, gênero, ilustrações presentes no texto lido. Debatendo, o professor vai definindo tarefas gradativamente complexas, porém solucionáveis para que, aos poucos, estas possam ser retiradas, fortalecendo a base desses alunos.

É evidente que inserir o aluno no mundo da leitura, não é uma tarefa exclusiva do professor, este aluno também deve estar acessível para esta aprendizagem, pois a leitura trata-se de uma capacidade intrínseca e que depende da vontade individual para que se concretize, neste sentido também pode-se adequar a visão de Kleiman citada anteriormente em relação ao papel do professor, ou seja, a leitura é uma atividade que pode ser estimulada, mas que exige interesse mútuo, desta forma, o professor oferece o “input” e o aluno dá a resposta ao conteúdo oferecido.

O leitor deve entender que a prática constante da leitura contribui para o seu desenvolvimento cognitivo e à medida que o seu interesse aumenta, o seu repertório de mundo e enciclopédico é enriquecido e conseqüentemente a sua forma de leitura também muda, entretanto, é importante que haja a consciência de que ler não é algo que deva ser realizado apenas na esfera escolar, e sim um exercício contínuo, a busca espontânea de materiais diversos por parte do leitor aprendiz também é uma dinâmica favorável e que dificilmente tornar-se-á em tecnicismo, ou seja, em uma forma

mecânica e obsoleta de leitura, e assim o leitor pode pôr em prática o que nos diz Richard Bamberger: "Cada leitor lê de modo diferente e tira do livro especialmente aquilo que o atrai e o que corresponde aos seus interesses." (BAMBERGER, 2002, p.60). Sem dúvida, o leitor que se dedica em encontrar algo para ler, buscará algo que o motive, que lhe cause satisfação. Nesta perspectiva, a participação da família dentro desse processo se torna imprescindível, pois a presença dos pais em casa como estimuladores da criança dará continuidade ao trabalho que o professor realiza na escola. É importante lembrar que a leitura nem sempre é uma atividade prazerosa, e é natural que nem todas as leituras que realizamos correspondam com as nossas expectativas, mas independente desses imprevistos, a leitura é necessária e indispensável para a aprendizagem.

A partir da diversidade de texto em que o leitor for se deparando, ele vai criando e fortalecendo seu conhecimento de mundo e textual, construindo bases cognitivas, e aos poucos adquirindo capacidade de desenvolver uma leitura em que ele mesmo organiza suas estratégias como determinar seus objetivos, estabelecer inferências e previsões ao ler qualquer texto, definindo assim habilidades de domínio metacognitivo, momento este que o leitor passa a ter consciência do próprio saber, como nos confirma Ângela Kleiman: "[...], pois, ao tornarmos o processo conhecido, estaremos construindo as bases para uma atividade de metacognição, isto é, de reflexão do próprio saber." (KLEIMAN, 2002, p.09).

Evidentemente que este resultado só será adquirido ao longo da vida, visto que as crianças apresentam grande dificuldade em avaliar seu próprio saber. Entretanto, isto não implica em não imergí-las desde início da vida escolar dentro das possíveis estratégias de leituras.

2.4 Uma das funções da leitura

Percebemos até então que a aprendizagem da leitura é um procedimento individual, mas que reporta na interação do conhecimento dos sujeitos envolvidos: leitor/leitor – leitor/autor e leitor/ sujeito intermediador (professor/pais), ou seja, é importante a participação do outro na construção do saber. Desta forma, mesmo que a

leitura seja uma atividade cognitiva, logo um processo individual; convém salientar que para chegarmos a este nível de cognição precisamos acionar uma série de conhecimentos que são adquiridos numa vida em sociedade, tornando-a assim uma prática social e extremamente fundamental.

Quem já se imaginou incapaz de ler? Quem nunca se deparou com alguma pessoa pedindo uma informação por não saber ler? Infelizmente esta realidade faz parte da vida de muitas pessoas, que, de certa forma, estão ilhadas em um mundo único e por vezes alienadas sem poder de decisão.

E uma das funções da leitura é nos preparar para uma transformação, nos capacitar ideologicamente promovendo nosso crescimento pessoal, nos permitindo participar ativamente na sociedade em que estamos inseridos, e, dentro desta perspectiva, Ezequiel T. da Silva diz:

“Em essência, a leitura caracteriza-se como um dos processos que possibilita a participação do homem na vida em sociedade [...] E, por ser um instrumento de aquisição, transformação e produção do conhecimento, a leitura, se acionada de forma crítica e reflexiva dentro ou fora da escola, levanta-se como um trabalho de combate à alienação, capaz de facilitar às pessoas e aos grupos sociais a realização da liberdade nas diferentes dimensões da vida [...]” (Silva, 2003, p.24

Nota-se que a colocação de Ezequiel Teodoro da Silva está em conformidade com a concepção de leitura de Ângela Kleiman citada anteriormente, desta forma compreende-se que entender de fato o que lemos, implica em uma mudança na forma de vermos o mundo, contextualizando o texto lido com determinados aspectos da realidade, pois a partir daí podemos adquirir capacidade de formar opiniões críticas e avaliações pessoais, adquirindo uma visão mais ampla de decisão.

3- Prática subjacente à sala de aula.

Na tentativa de constatar uma concepção de leitura na prática da sala de aula, foi feita uma pesquisa de campo em uma Escola Estadual, na cidade de Juara, MT, sendo o foco a turma do 4º ano compostos por vinte e sete alunos. As observações das aulas de leitura foram feitas na primeira e segunda semana de maio de 2012, totalizando 05 aulas. A proposta foi de apenas observar, sem interferir no trabalho do professor vigente da sala, contudo, alguns comentários tecidos a cerca dos textos

utilizados são de cunho interpretativo, apenas mais uma das possíveis metodologias que poderiam ser usadas naquelas aulas. Para que não pareça prematuro concluir algo e mediante este trabalho pudesse se chegar a uma concepção de leitura na visão escolar, há no primeiro capítulo, a descrição de uma pesquisa teórica referente à leitura, que servirá de base à conclusão deste trabalho.

Durante o período de observação, foi possível perceber que professor reservava uma parte de sua aula para trabalhar a leitura com aquelas crianças. Na primeira sondagem, o professor se utilizou de um texto do livro didático de Língua Portuguesa *Projeto Prosa*, das autoras Angélica Prado e Cristina Hülle; o título do texto é *A onça e o cachorro* (pag.92), e a metodologia adotada foi a seguinte: o professor pedia para que um aluno iniciasse a leitura ;em seguida, pedia para que um outro prosseguisse e assim sucessivamente. Nesta aula, notou-se que a leitura realizada pelas crianças foi totalmente improdutiva, pois além de contar com o fato de que algumas crianças sentiam extrema dificuldade em reconhecer letras e sílabas, é preciso dizer que a postura do professor como intermediário entre o texto e os leitores também colaborou para o baixo rendimento da aula. E neste sentido vale à pena conferir o que diz Richard Bamberger em seu livro *Como Incentivar o Hábito da Leitura*: “[...] No processo de alfabetização é preciso encontrar, desde o princípio, meios para evitar a leitura mecânica de sílabas e palavras para aumentar a compreensão.” (BAMBERGER, 2002, 24-25). É evidente que a habilidade de leitura de uma criança é diferenciada de um adulto, pois a criança não faz uma correspondência global das palavras, processo utilizado pelo adulto, entretanto, é importante que a criança, ‘desde cedo’ esteja envolvida nas estratégias de leitura, a fim de que seu desenvolvimento cognitivo não fique estagnado.

Na segunda aula, o professor resolveu trabalhar com seus alunos a leitura de uma receita de creme de abacate, desta forma ele utilizou-se do quadro- negro onde passou a receita, nesta aula, a questão da leitura ficou totalmente a desejar, visto que a leitura propriamente dita não aconteceu, pois, a partir do texto escrito, a única atividade realizada pelas crianças foi da cópia da lousa e algumas indagações feitas por elas referentes às quantidades dos ingredientes e ao modo de preparo do creme de abacate, e até mesmo estas questões ficaram sem respostas, visto que o professor

garantiu às crianças que em casa a mamãe “ensinaria direitinho” a elas as quantidades necessárias, e assim foi a segunda aula observada.

Uma possibilidade de trabalhar nesta aula com a receita seria a forma interdisciplinar, pois sendo o professor o regente da sala, é ele também quem trabalha Matemática e algumas questões sobre Ciências Biológicas. Assim sendo, o professor poderia aproveitar a oportunidade e ter enfatizado a leitura dos numerais fracionários ($1/2$, 1 inteiro) e ainda refletir com as crianças o resultado da mistura dos ingredientes, nas mudanças ocorridas a partir da junção de todos dando uma conseqüente transformação biológica. Outra sugestão seria que o professor trabalhasse com as crianças o gênero textual da receita culinária, que é descritivo, explicando a elas que o objetivo de uma receita é instruir alguém a preparar alguma comida, doce, bolo; assim o professor trabalharia a estrutura organizacional: a parte descritiva e a forma injuntiva, a presença dos verbos no imperativo que determinam as ações dos leitores. Debatendo, o professor falaria com seus alunos sobre a pessoa que geralmente prepara a comida em casa, questionando-as sobre a quem está mais direcionada a profissão de cozinhar, e por meio dos debates, o professor entraria no tema de profissões reconhecidas como femininas ou masculinas, explicando que estas designações são apenas convenções sociais, e que na realidade as profissões, no caso a de cozinheiro (a), podem ser exercidas tanto por mulheres como por homens.

Na terceira aula, foi utilizado um texto de Ruth Rocha, *Baile no Sereno*, um texto curto. O professor iniciou a aula pedindo aos alunos que fizessem primeiramente uma leitura silenciosa, posteriormente, ele, professor, fez uma leitura em voz alta, enfatizando algumas características do texto como as rimas existentes, a alegria infinita do cantador que, segundo o texto, jamais se calará. As crianças participaram com comentários sobre um conhecido ou parente que tocava algum instrumento musical, falaram sobre canções que conheciam, enfim, nesta aula, notou-se um interesse maior das crianças e também do professor, o texto leve contribuiu muito para a boa esfera entre os leitores.

Na quarta aula, foi utilizado um texto parte da obra de Walcyr Carrasco *Mordidas que podem ser beijos*. A aula foi iniciada com a leitura em voz alta do professor, posteriormente, as crianças fizeram uma leitura individual e silenciosa e, em seguida,

houve a leitura coletiva e em voz alta. Desta forma, o texto foi lido três vezes, o que serviu para uma maior familiaridade entre texto e leitores. Após todo esse processo, o professor resolveu debater o texto com os alunos, e visto que o assunto abordado tinha sido compreendido, o professor indagou às crianças a cerca do título Arte na Casa, mais especificamente ao vocábulo arte, muitas crianças comentaram que arte é o mesmo que bagunça, peraltice, entretanto, o professor perguntou a elas o que, para o personagem principal, arte estava representando. Nesse momento, as crianças perceberam que o que para os leitores em geral era uma tremenda desordem, para o personagem narrador significava uma capacidade de criação, inovação. E nessa interação o professor fez inúmeras perguntas sobre animais de estimação, as peraltices normalmente praticadas por cachorros, e as crianças tiveram uma participação ativa nesta aula.

Percebe-se que o conteúdo do texto é bem humorado, o que é uma característica de Walcyr Carrasco, basta notar os seus textos novelísticos presentes na televisão, e que, de alguma forma, facilita para uma leitura prazerosa, possivelmente o fato de o texto ter sido lido várias vezes também contribuiu para que as crianças entendessem melhor e sem dúvida que a postura do professor como intermediário entre texto e leitores foi determinante na participação de todos.

Para a quinta e última aula, foram utilizados uma diversidade de gibis. Nesta aula, o professor priorizou a leitura individual e silenciosa dos alunos, esta prática vai ao encontro da idéia de Richard Bamberger (2002, p.25), que afirma: “A prática da leitura silenciosa antes de se iniciar uma tarefa de leitura é importantíssima, pois pesquisas provaram que se compreende melhor quando se lê em silêncio. [...] a leitura silenciosa é base da educação individual da leitura formal, o ideal seria que sempre antes de qualquer dinâmica ou metodologia aplicada em uma aula de leitura, os leitores realizassem a leitura individual e silenciosa, e assim sendo, os alunos pegavam os gibis e conforme terminavam a leitura iam trocando, às vezes quando o professor percebia que determinada criança não estava atenta à leitura, ele pedia a esta criança para que lesse em voz alta a sua “estorinha”, e para que não fossem notados pelo professor, muitos alunos permaneciam em silêncio. Nesta aula, houve a leitura das crianças, entretanto, não teve muita participação relacionada a comentários sobre o que liam, da

mesma forma o professor não se utilizou de recursos que pudessem contribuir como estímulo para a troca de idéias e debate.

O ponto positivo para esta aula foi o caráter arbitrário que teve, visto que as crianças puderam escolher o que ler. Ainda assim, uma sugestão metodológica seria a exposição do assunto lido por cada criança e a troca de observações, como aspectos semelhantes e opostos de um tema para o outro, metodologia esta em que professor pediria para que o aluno A falasse sobre sua estória e, em seguida, o aluno B apresentasse a sua e, por último, o aluno C comentasse sobre as possíveis semelhanças e diferenças existentes entre ambas.

Depois de descritas as metodologias vistas nesta escola, é pertinente lembrar que a concepção teórica de leitura que foi adotada para este trabalho define esta atividade como sendo uma prática social em que é importante a interação de conhecimentos para a compreensão, e fazendo uma comparação com as aulas de leitura até então observadas, convém salientar que houve a preocupação do professor em instigar o gosto da leitura em seus alunos, embora seja perceptível também que ao que se refere à interação de conhecimento, a prática escolar está aquém desta visão, a dificuldade ora se apresentava na postura, ora na participação das crianças, evidenciando assim a falta de interesse que infelizmente está muito presente nos alunos. A forma como ocorreu às aulas de leitura, vislumbra a idéia desta prática apenas como um processo efêmero, algo realizado por estar sendo avaliado e que anula todas as possibilidades dos leitores ampliarem ou mesmo adquirirem conhecimento e, infelizmente, mesmo que involuntariamente, estes profissionais incutem esta postura nos alunos, portanto vale o que Wanderley Geraldi diz em seu livro *O texto na sala de Aula*: “Recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio- o prazer- me parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de “incentivo à leitura”.” (GERALDI, 2003, pág.98). Ou seja, a preocupação maior deve ser a conquista de novos leitores e para isso não precisa muito, no caso das aulas observadas quando houve a participação do professor em motivar seus alunos através de questões e explicações pertinentes ao texto notou-se também uma boa participação das crianças e, melhor ainda, este comportamento se deu de forma espontânea, e a leitura ocorreu um pouco mais dialógica.

Possivelmente a escolha dos textos trabalhados pelo professor objetivou levar a leitura para o mundo desses alunos, percebeu-se que os materiais selecionados foram de temáticas e até mesmo tipologias diferentes, fato importante e que contribui para que os leitores descubram opiniões diferentes que possam expandir suas experiências através do conhecimento de outros contextos, pois, como diz Ezequiel T. da Silva em seu livro *Elementos de Pedagogia da Leitura*: “[...] a leitura de textos se coloca como uma “janela para o mundo”. [...] é importante que esta janela fique sempre aberta, possibilitando desafios cada vez maiores para a compreensão e decisões do leitor.” – (SILVA, 1998, p.56).

E nessa mesma perspectiva vem a colocação de Richard Bamberger: [...] é fundamental que se ofereça grande quantidade de material de leitura capaz de interessar e divertir os alunos, não só aumentando a sua capacidade de leitura, como também induzindo a um permanente hábito de leitura. - (BAMBERGER, 2002, p.28)

Compreende-se então que leitura deve ser promovida sempre e, em especial, dentro da sala de aula, e é importante que o professor esteja atento quanto às necessidades de seus alunos, principalmente nas séries iniciais em que as crianças ainda não têm autonomia sobre seu próprio saber, aspecto este presente durante as observações das aulas de leitura descritas anteriormente.

CONCLUSÃO

Terminada a pesquisa de campo e analisada de acordo com o estudo teórico relativo à leitura, conclui-se que esta atividade está circundada de fatores que dificultam desvencilhá-la da visão unívoca presente na escola de simples decodificação das palavras.

Ao que se refere à postura do professor, sujeito mediador do processo, nota-se que em algumas ocasiões este esteve preso às fórmulas cristalizadas, como as famigeradas interpretações de textos presentes nos livros didáticos que se apresentam de forma fundamentalista e por vezes avaliativa, sendo utilizadas para a comprovação da leitura realizada pelo aluno.

E, ao que se concerne à possibilidade de se ter oferecido, através deste trabalho, a oportunidade de realizar uma leitura de construção de significados, pode-se dizer que foi alcançada, pois o suporte teórico oferece metodologias que visam a prática da leitura dialógica entre texto/ leitor e de construção de sentidos, trazem propostas de estratégias que proporcionam o confronto do aluno com o texto.

Quanto às metodologias sugeridas pelos teóricos, conclui-se que estas podem auxiliar para o processo, assim como também deve haver a participação mútua dos sujeitos envolvidos e que muitas vezes torna-se um fator surpresa, que em muitos casos, nas melhores das hipóteses, há de forma vaga ou ainda o que é pior não há, pois na postura de muitos alunos, que são centro do processo, é notório o despreparo destes ao se defrontarem com um texto, há uma enorme dificuldade em realizar uma leitura além da literal. Somando-se a isso ou em consequência disso, há o desinteresse dos mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: A Secretaria, 2001.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2003;

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura-** teoria e prática. Campinas: Editora Pontes, 2002.

_____. **Texto e Leitor-** aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Editora Pontes, 2002.

SILVA, Ezequiel T. **Elementos de Pedagogia da Leitura**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

_____. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Editora Papyrus, 2003.